

3

IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO

Autora:	Heloise Baurich Vidor
Título do projeto:	Diálogos entre teatro, escola e universidade: <i>o Coro dos maus alunos</i>
Outros autores:	Barbara Biscaro
Início do projeto:	02/2018
Instituição de ensino superior:	Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc)
Faculdade/Programa/Departamento/Setor:	Ceart/Departamento de Artes Cênicas - Licenciatura em Teatro
Curso em que o projeto foi desenvolvido:	Licenciatura em Artes - Teatro
Vinculação do projeto:	Ensino
Disciplina/módulo/componente curricular do curso de licenciatura em que o projeto foi desenvolvido:	Montagem Teatral I e Montagem Teatral II
Natureza da disciplina:	Obrigatória
Relação com componentes curriculares da educação básica:	Linguagens: Teatro Ciências humanas: Filosofia
O projeto tem relação com nível de ensino:	Ensino médio

https://doi.org/10.18222/fcc-pprmm2021_3

DIÁLOGOS ENTRE TEATRO, ESCOLA E UNIVERSIDADE: O *CORO DOS MAUS ALUNOS*

RESUMO

O projeto apresenta uma ação artístico-pedagógica que vinculou alunos de escolas básicas do ensino médio, estudantes do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), professores de educação básica e professores universitários, convidando-os a pensarem sobre a escola na contemporaneidade, a relação professor-aluno, a formação docente, a juventude, a presença da arte na escola e o teatro na educação. A proposta se desenvolveu a partir do processo de montagem e apresentações do espetáculo teatral *Coro dos maus alunos*, construído nas disciplinas Montagem Teatral 1 e 2, do curso de Licenciatura em Teatro da Udesc. A peça foi apresentada para um público diversificado, incluindo professores, coordenadores pedagógicos e alunos de 15 escolas de cidades catarinenses: Florianópolis, Biguaçu, Caçador, Joaçaba, Concórdia, Chapecó e Blumenau.

Coro dos maus alunos tem como tema a escola, refletindo sobre as relações de poder e as tensões inerentes ao ambiente escolar que envolvem professores, alunos, diretores e pais em um complexo jogo de relações humanas e institucionais. A encenação trabalha com a coralidade e com objetos tipicamente escolares, dialogando com o universo adolescente na escola.

O projeto ampliou as discussões sobre a formação docente para além do espaço das disciplinas pedagógicas – Metodologia do Ensino do Teatro 1, 2, 3 e 4 e Estágios Curriculares Supervisionados: Teatro Comunidade e Teatro na escola 1, 2 –, vinculando-as às disciplinas de criação, presentes no currículo.

1,2 Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), Florianópolis (SC).

JUSTIFICATIVA

As disciplinas de Montagem Teatral I e II fazem parte da grade curricular do curso de Licenciatura em Teatro da Udesc. São ministradas aproximadamente no meio do curso (5ª e 6ª fases) e marcam um importante processo no percurso do discente: participar da montagem de um espetáculo teatral profissional, dirigido por professores do curso, e levá-lo a público. Para muitos e muitas é a primeira experiência coletiva de montagem de uma peça teatral e é nessa etapa de seu aprendizado que vão vivenciar as dificuldades e as conquistas da feitura do teatro, desde a concepção e a concretização de um projeto artístico até o contato com os espectadores.

No processo do *Coro dos maus alunos*, as professoras-artistas que dirigiram o espetáculo partiram de três pontos fundamentais. O primeiro é que o projeto artístico seria dirigido ao público adolescente, faixa etária carente de obras teatrais de qualidade em nosso país. Podemos constatar a existência de uma produção expressiva de espetáculos para a infância, com uma lacuna entre o teatro infantil e o adulto que pode ser preenchida por um teatro jovem, pois os temas abordados pelo universo infantil já não interessam aos adolescentes, assim como as temáticas do teatro adulto. Dessa forma, o projeto cria um espaço para pensar a juventude (e com a juventude), a partir do teatro.

O segundo ponto é que a temática da escola criaria um atravessamento entre o fazer artístico e o fazer pedagógico, de modo que o processo de criação também fosse um processo de reflexão e prática da docência. Nesse sentido, a dramaturgia de Tiago Rodrigues contribuiu de forma contundente, pois ela apresenta o tema de forma extremamente poética, evidenciando sua complexidade, longe de qualquer tom didático que pudesse querer surgir, além de ter uma linguagem de fácil comunicação com o público-alvo. O terceiro ponto fundamental era propor uma aproximação entre a escola “real” (o ensino médio público) e a universidade, admitindo o âmbito universitário como uma escola.

Com isso, queríamos pôr em xeque os papéis de docentes e estudantes, seus desafios e suas contradições no aqui agora da sala de aula/sala de ensaio, em qualquer que fosse o contexto de ensino. As perguntas que surgiram desde o início foram: como não dissociar o fazer teatral da profissão docente? Como olhar para os ensinos fundamental e médio como um campo de potência artística?

O primeiro grande desafio foi convencer os estudantes da graduação de que o tema da escola não era nem menor e nem menos importante. Um preconceito histórico marca a docência no país, no qual ser professor significa, no imaginário popular, não ter “dado certo” em sua profissão. Obviamente muitos dos discentes de um curso de Teatro querem ser artistas. O desafio era construir um processo que ajudasse a compreender que ser professor e ser artista eram duas faces de uma mesma prática.

Vale ressaltar que neste mesmo período da grade curricular os alunos e alunas realizam seus primeiros estágios atuando como professores em sala de aula e na comunidade. Isso ocasionou um intercâmbio inestimável entre a prática artística que eles estavam vivenciando na

montagem teatral e as questões que eles vivenciavam pela primeira vez na docência. Frustração, medo, alegria, indignação: a experiência docente alimentava o processo artístico e vice e versa, em um fluxo contínuo de trocas.

Outro desafio compartilhado, em face do contato com as escolas de ensinos médio e superior, era afirmar a potência da arte como processo de formação humana, no sentido de que o contato com um bom espetáculo teatral força o espectador a rever conceitos, imagens e ideias a partir do mecanismo da sensibilidade, da empatia, do desejo. Dessa maneira, reforçar um processo de criação teatral como ferramenta de transformação de si (das professoras-diretoras e estudantes-atores) foi visto como uma forma de chegar ao público por meio da arte teatral. Para estudantes de Licenciatura em Teatro essa era uma premissa muito importante: compreender como o fazer artístico pode ser uma ação fundamental para a transformação de contextos e associar esse processo com as potencialidades da docência de expandir as possibilidades de mundo.

Foram criadas as seguintes redes sociais do projeto:

- <http://www.facebook.com/mausalunos>;
- <http://www.instagram.com/mausalunos>.

CONTEXTO EM QUE O TRABALHO ESTÁ INSERIDO

O projeto de montagem do espetáculo teatral *Coro dos maus alunos* foi realizado no contexto das disciplinas Montagem Teatral I e II, do curso de Licenciatura em Teatro, Ceart/Udesc, em 2018, com a participação de 15 estudantes regularmente matriculados.

As disciplinas são oferecidas nas 5^a e 6^a fases do curso e naquele ano contaram com a parceria de duas docentes: a Professora Dra. Heloise B. Vidor, da área de Pedagogia Teatro, e a Professora Dra. Barbara Biscaro, da área de práticas teatrais/voz. A ementa das disciplinas, que têm carga horária total de 324 horas-aula, é: Montagem de um espetáculo teatral sob direção de um/a professor/a, evidenciando a construção das diferentes linguagens do espetáculo.

O objetivo central era criar um espetáculo com a participação dos acadêmicos nas diferentes etapas de elaboração de uma obra cênica e, ao mesmo tempo, ressaltar procedimentos pedagógicos deste trabalho, possibilitando a discussão de temas relacionados à formação docente e ao contexto escolar, especificamente. Por essa razão, foi escolhido o texto dramático *Coro dos maus alunos* (2008), do dramaturgo português Tiago Rodrigues.

Vale dizer que os acadêmicos, ao mesmo tempo que desenvolvem a montagem teatral, realizam os estágios curriculares supervisionados e, portanto, são inseridos nos campos relacionados à atuação dos futuros professores de Arte/Teatro. Assim, o intuito era que os temas vinculados à área específica da licenciatura pudessem ser discutidos no processo de criação, investigando o conceito de professor-artista, ou artista-docente (ICLE, 2002; VIDOR, 2010).

Durante o processo de criação, o grupo da Udesc participou dos ensaios no Colégio Estadual Prof.^a Maria da Glória e os alunos dessa escola visitaram a universidade, assistindo aos ensaios. Como estratégia metodológica, realizamos três ensaios abertos, sendo que

um deles aconteceu no V Encontro Nacional de Pedagogia das Artes Cênicas/Udesc (2018), em Florianópolis, e a estreia aconteceu no Festival Internacional de Teatro Universitário de Blumenau/Furb, em julho de 2018, dentro da ação Teatro e Escola. Aproximadamente 370 pessoas estiveram presentes, entre participantes do Festival, diretores, professores e alunos da Escola Básica Municipal Anita Garibaldi.

No segundo semestre foram realizadas 13 apresentações no Espaço 1 do Centro de Artes da Udesc, no Teatro Álvaro de Carvalho (TAC) e na Universidade Federal de Pelotas. As escolas contempladas foram: EBM Intendente Aricomedes da Silva (Ebias); EBM Luiz Cândido da Luz; EEB Simão Hess; EEM Professora Maria da Glória Veríssimo de Faria; EEB Jaime de Barros Camara; EEB Presidente Roosevelt; Colégio Polivalente Deyse Werner Sales; Colégio Anabá; e alunos do Curso de Licenciatura em Filosofia da UFSC. O público aproximado, em 2018, composto por alunos do ensino médio, foi de 1.500 espectadores. Entretanto, uma das apresentações foi destinada à participação cerca de 70 professores/as das escolas EBM Intendente Aricomedes da Silva (Ebias) e EBM Luiz Cândido da Luz, em evento de capacitação organizado pela Professora Rosângela Kittel. A apresentação contou com um intérprete de libras e, após o espetáculo, foi realizado um debate de modo que a interface entre a obra artística e a formação pedagógica pudesse ser discutida pelos presentes.

Em 2019 o espetáculo seguiu com apresentações, destacando as participações na Mostra Universitária no Fringe do Festival de Teatro de Curitiba, no projeto Circuito Sesc-Udesc, nas cidades catarinenses de Caçador, Joaçaba, Chapecó e Concórdia, e no 13º Festival Velha Joana na cidade de Primavera do Leste (MS). Circular no interior de Santa Catarina por meio do projeto do Sesc foi uma oportunidade de levar o trabalho e a discussão para cidades com realidades sociais completamente diferentes da capital do estado, contando com uma escola de ensino fundamental na apresentação de Concórdia, por exemplo. Já a oportunidade de ir a Primavera do Leste foi muito especial, pois nessa cidade há um dos maiores projetos de formação teatral para crianças e jovens, custeado pela Prefeitura, ativo há quase 15 anos e encabeçado pelo Grupo de Teatro Faces.

Nos dois anos em que o projeto se desenrolou, além do alcance em termos de público e área geográfica, um dos elementos fundamentais foi a oportunidade formativa que esses alunos e alunas da Licenciatura em Teatro tiveram, ao experienciarem, ao mesmo tempo, apresentações teatrais em circuitos de teatro profissional e uma compreensão ampliada da realidade da escola por meio da mediação do espetáculo com docentes, discentes e outros artistas-educadores que frequentaram as ações.

Para o início de 2020 estavam programadas duas sessões na Mostra Universitária do Teatro da USP (Tusp), na cidade de São Paulo, que foi cancelada por conta da pandemia de covid-19. Por esse motivo, as ações do projeto foram suspensas indefinidamente, até o retorno das atividades presenciais.

OBJETIVOS

- Montar um espetáculo teatral com base no texto *Coro dos maus alunos*, de Tiago Rodrigues, possibilitando aos acadêmicos a vivência e a experimentação das diferentes etapas de produção e encenação de uma obra teatral, por meio da participação ativa e da ênfase no trabalho coletivo.
- Abordar a temática da escola a partir da criação artística, produzindo uma obra que pudesse refletir e explicitar a temática de forma complexa e múltipla.
- Criar um espetáculo voltado ao público adolescente, dialogando com essa faixa etária desde o processo de criação, em parceria com os alunos e professores da E.E. Maria da Glória.
- Apresentar o espetáculo nas dependências da universidade para estudantes dos ensinos médio e superior, promovendo debates sobre a obra artística e a temática que a embasa.
- Circular com a obra em outras cidades e promover o encontro com outras realidades do estado de Santa Catarina.
- Promover uma experiência de criação artística para alunos e alunas licenciandos em Teatro, sem perder de perspectiva a interface entre o ser artista e o ser professor, acreditando que uma formação completa na Licenciatura em Artes demanda um intenso diálogo entre a criação e a pedagogia como aspectos complementares e indissociáveis.
- Incentivar o contato entre a universidade e as escolas de ensino médio, tanto explicitando a realidade da escola pública brasileira para o licenciando quanto abrindo as portas da universidade para o estudante secundarista, mostrando uma miríade de universos possíveis.

CONTEÚDOS CURRICULARES PRIORIZADOS

Primeiramente, vale frisar que a ementa das disciplinas das quais emergiram o projeto *Coro dos maus alunos* é bastante simples. Não são propostos estudos de conteúdos específicos ou não se pressupõe de forma rígida uma organização de conhecimentos essenciais para sua realização. Seu único objetivo é a produção de um espetáculo teatral, o que, no universo das práticas cênicas, é uma tarefa que pode ser realizada a partir de diferentes referenciais teóricos e práticos, dependendo da abordagem de cada professor-artista.

Foram propostos alguns procedimentos de pesquisa com os discentes, que serão descritos a seguir por meio de grupos de ações.

Ação 1 – Referências bibliográficas e aporte teórico

Em termos teóricos, o estudo do livro *Em defesa da escola: uma questão pública* (2015), dos autores belgas e filósofos da educação Jan Masschelein e Maarten Simons, proporcionou diversas provocações para se pensar sobre a escola e o escolar. Tempo livre, atenção, suspensão,

profanação, professor *amateur* são alguns dos conceitos que os autores propõem, porém o aspecto central da argumentação é o “caráter público, comum e de igualdade” (LARROSA, 2017) que a escola apresenta. A obra evoca um olhar minucioso para materialidades tipicamente escolares, revisitando-as e procurando entender como elas contribuem para o ato de se “fazer escola”, ou seja, criar tempo livre para o estudo, o ensino, o convívio, o jogo dentro das regras próprias desse lugar. A partir dessas colocações, a seguinte questão foi se configurando: quais são as materialidades da escola e as do teatro e como podemos conjugá-las nas aulas e nas cenas? Essa pergunta está na base da perspectiva do professor-artista e orientou a concepção do trabalho da disciplina de montagem teatral.

Vale contar que o pesquisador Jan Masschelein esteve em Florianópolis para o II Seminário Internacional Elogio da Escola, realizado pela Udesc/UFSC, em 2018, e prestigiou o trabalho em uma das apresentações no Teatro Álvaro de Carvalho. Foi muito estimulante ter como espectador um dos autores inspiradores da proposta.

Ação 2 – Seminários de pesquisa a partir de temas que emergiram do texto *Coro dos maus alunos*

Nesta fase do processo de pesquisa, os estudantes da licenciatura foram distribuídos em grupos e selecionaram materiais de texto, áudio, vídeo e práticas com os seguintes temas:

- gênero e sexualidade nas escolas;
- universo adolescente: *memes*, músicas, *youtubers* e referências da faixa etária em 2018;
- atiradores em escolas;
- movimentos secundaristas de 2013 a 2018, com as ocupações de escolas por parte de estudantes no Brasil e em outros locais da América Latina;
- criação de exercícios práticos que seriam usados em cena (por exemplo, modos de pular corda, que é uma das ações que os atores e atrizes realizam com o público antes do espetáculo começar);
- filosofia da educação e teorias sobre a escola.

Dessa forma foi possível não somente construir uma rede de referências de conteúdo bibliográfico, mas também reconhecer com mais abrangência o universo abordado pela peça. Confiar, por exemplo, que aquilo que emanava do universo dos adolescentes era um conhecimento em si e que não podia ser ignorado se a intenção era fazer algo voltado para esse público fortaleceu as discussões sobre a natureza do que é institucionalizado como conhecimento e aquilo que fica às margens como algo sem valor, e que, nesse caso, era vital para que pudéssemos criar mecanismos de identificação com os jovens. Incorporar na pesquisa vídeos do YouTube, matérias de jornal, *blogs* e redes sociais dialogava diretamente com uma compreensão de como fazer pesquisa na atualidade, diante de toda a informação disponível na internet. Como selecionar materiais, como estudar e como verificar a qualidade das fontes foram questões presentes.

Tais seminários forneceram material de criação e maior compreensão dos temas que tangenciavam o texto do espetáculo. Alguns dos filmes e documentários levantados como material de estudo foram: “Nunca me sonharam”, de Cacau Rhoden; “A onda”, de Jürgen Vogel, Frederick Lau, Jennifer Ulrich e Max Riemelt; “Pro dia nascer feliz”, de João Jardim; “A educação proibida”, de Germán Doin; a série “Merlí”, de Hector Lozano e Eduard Cortez; “Espera a tua (re)volta”, de Eliza Capai.

Ação 3 – Trabalho com o *Coro dos maus alunos*

O texto *Coro dos maus alunos* é o principal material sobre o qual o processo de criação e aprendizagem se desenrolou. Criado pelo premiado dramaturgo português Tiago Rodrigues, em 2008, o texto ganhou uma versão brasileira encenada pela Companhia Arthur-Arnaldo, de São Paulo. A ação ocorre entre seis personagens que contam uma experiência passada, sobre o inquérito aberto pela direção da escola referente às práticas pedagógicas pouco convencionais de um professor de filosofia. O enredo conduz o espectador a saber que um dos adolescentes leva um revólver para a escola e, na tentativa de evitar que o professor de filosofia seja demitido, um disparo ocorre, causando pânico entre corpo docente, pais e alunos. Narrado sempre de forma coletiva, o texto é um exemplo de dramaturgia contemporânea, que abre mão do enredo de causa e efeito ou do recurso de desenvolver o percurso de um herói/heroína individual. Suas características dramáticas apresentam desafios da encenação do teatro contemporâneo, oferecendo uma oportunidade inestimável para discentes e docentes compreenderem os mecanismos do fazer teatral que refletem um momento atual da sociedade e da arte. O texto ainda não foi publicado, tendo sido cedido para a encenação pelo próprio autor.

Heloise Vidor, professora-artista que dirigiu o espetáculo, tem extensa pesquisa sobre a leitura e a prática teatral, que foi a base para diversos exercícios práticos e teóricos de aproximação, assimilação e encenação do texto. A partir dos princípios de leitura e teatralidade (VIDOR, 2016) e texto e jogo (KOUDELA, 2010; PUPO, 2005), os licenciandos-atores enfrentaram o desafio de dizerem um texto em versos, composto por um prólogo e três atos, na íntegra, e com absoluta propriedade.

Ação 4 – Trabalho corporal-vocal e o jogo por meio da coralidade

A coralidade foi abordada com base na dimensão lúdica e no princípio de jogo, de modo que diferentes práticas foram acionadas, transitando entre brincadeiras coletivas (pular corda, queimada, alerta, morto-vivo), exercícios técnicos de corpo e voz e práticas de improvisação teatral, que evocam a composição com o espaço cênico, a presença no aqui-agora-jogo, a atenção e a escuta ampliadas entre os jogadores e o endereçamento das ações ao público. As brincadeiras tradicionais e os jogos teatrais de Viola Spolin (2005), amplamente utilizados no campo da Pedagogia do Teatro, foram aliados a propostas específicas do campo das práticas teatrais de atuação e encenação. A proposta dos *viewpoints*, de Bogart e Landau (2017), merece destaque na medida em que eles são uma filosofia traduzida em uma técnica para treinar *performers*, construir coletivos e criar movimento para o palco (BOGART; LANDAU, 2017,

p. 25), ou seja, objetivamente o que o projeto de montagem *Coro dos maus alunos* estava buscando. Construindo uma interface entre *viewpoints* individuais e improvisação coletiva, a proposta permite que se reconheçam as individualidades dos atuantes na construção e na expressão da cena coletiva.

Essas abordagens teórico-práticas, amalgamadas a partir do olhar de cada uma das duas professoras-encenadoras, compuseram esse bloco de conteúdos do processo.

PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS

Os procedimentos didáticos que gostaríamos de ressaltar nesta descrição de processo referem-se não tanto ao modo como metodologicamente construímos o espetáculo (quais exercícios, práticas de ensaio ou improvisações fizemos), mas às experiências que deram força e concretude à intersecção entre os procedimentos artísticos e a pedagogia teatral.

Organizamos com os alunos e alunas licenciandas um calendário que incluía, além dos ensaios teatrais, dois mecanismos principais de fricção entre o processo artístico e a realidade externa: o intercâmbio artístico e os ensaios abertos.

Intercâmbio artístico: “escola real” e diálogo aberto com os adolescentes

Esta ação ocorreu por meio de uma parceria com os professores de teatro Maria Izabel de Carvalho e Muniz Mendes e Marcelo Silva Mendes, sendo realizada com as turmas de primeiro, segundo e terceiro anos do ensino médio da EEM Profa. Maria da Glória Viríssimo de Farias (Biguaçu/SC). Biguaçu é uma cidade muito próxima da capital Florianópolis, com cerca de 70 mil habitantes. A escolha dessa escola específica se deu por alguns motivos: um deles foi a possibilidade de parceria com esses professores de teatro que são efetivos da rede estadual e ex-alunos do programa de Mestrado Profissional em Artes – Prof-Artes/Udesc. Essa proximidade e a afinidade entre os professores da escola estadual e as professoras da universidade deram um caráter coeso à ação. Essa coesão e o diálogo intenso e profícuo entre todas as professoras envolvidas constituíram um ponto muito importante. Isso porque a presença do *Coro dos maus alunos* foi muito forte na escola e, após gerir o pequeno caos que se formou, a experiência se converteu em um aprendizado inestimável para todos os envolvidos.

Havíamos planejado duas ações: em um primeiro momento, a universidade iria até a escola, durante duas tardes, com o intuito de ocupar a sala de teatro e outras dependências com atividades para as turmas de Izabel e Marcelo. Em um segundo encontro, os licenciandos retornariam para mais duas tardes na escola, após algumas semanas, mostrando como os materiais criados no primeiro encontro tinham sido retrabalhados na sala de ensaio. Vale ressaltar que essa não foi uma aproximação da escola pela via da formação professor, nos moldes dos estágios curriculares obrigatórios ou dos projetos pedagógicos de iniciação à docência (Pibid, RP), mas algo no formato de uma residência artística. A intenção era, como artistas, passar algum tempo com os estudantes e os professores, no sentido de compartilhar o processo de criação do espetáculo e criar cenas aos olhos estudantes da escola, revelando o ofício do ator, a urdidura de um espetáculo teatral.

Para essas duas primeiras tardes, as professoras da universidade e os licenciandos programaram juntos uma série de atividades. A primeira delas seria uma intervenção artística na escola com inspiração no projeto “Somos parte da paisagem”, no qual a artista de Florianópolis Camila Petersen recolhe depoimentos de pessoas sobre elementos da paisagem urbana (muros, bancos, calçadas, prédios) e cola relatos de alguma experiência naquele espaço, em folhas A4 brancas impressas em impressora normal e cola de lambe-lambe. A intervenção proposta seria mais simples: percorreríamos a escola com os estudantes e colocaríamos com fita crepe as folhas A4 escritas a mão, contendo os relatos sobre o espaço físico da escola, em uma espécie de “cartografia afetiva” do espaço escolar.

Surgiram frases engraçadas, como “aqui caiu meu sanduíche de frango,” e outros relatos mais significativos, como “aqui beijei uma menina”. Porém a escola não havia sido avisada da intervenção e os estudantes e professores que saíam nos corredores ao longo da tarde começaram a ler as frases. Uma situação de extrema violência ocorrida na escola apenas alguns meses antes veio à tona e os cartazes, que tinham a intenção de mapear a escola como espaço de pertencimento, na verdade revelavam também as sensações de omissão e pressão escolar. O surgimento de uma narrativa dissidente do espaço escolar idílico criou uma forte discussão entre alunos, professores e a diretora da escola na sala de teatro, em um momento de tensão. De repente, nos vimos no meio de uma imensa discussão sobre os problemas da escola. Houve uma grande mediação do diálogo entre adolescentes e diretora, promovida pelas professoras, pelos atores e pelas atrizes do elenco. Com maturidade, respeito e muita perspicácia, os licenciandos souberam gerir a crise e depois foram informados que aquela era a primeira conversa franca que existiu entre alunos e diretora em anos. Ali foi criado um laço muito forte com uma turma de segundo ano, que acompanhou o projeto até o final.

O impacto da nossa presença na escola e o primeiro contato dos estudantes de ensino médio com o texto da peça mostraram algo muito importante: que não era possível usar a escola com espaço cênico, pois, ao transportar as situações do texto para o ambiente escolar, acabávamos por tocar em feridas muito vivas.

Então mudou-se o rumo da estratégia e o segundo encontro se transformou em uma visita de cerca de 40 alunos e alunas que conhecemos naquele dia para frequentarem o ambiente da universidade. Após algumas semanas, eles entraram pela primeira vez em um prédio da universidade pública, viram o ensaio aberto na sala de ensaios com iluminação cênica e puderam frequentar um ambiente no qual eles nunca haviam se sentido convidados ou bem-vindos. O fato de eles se sentirem parte do processo, darem sugestões e fazerem relatos pessoais a partir do contato com a proposta artística foi um ganho inestimável: pela primeira vez suas narrativas, seus desejos e suas questões importavam. E não importavam em qualquer lugar: eram relevantes dentro da universidade pública, eram relevantes para artistas. Muitos desses alunos e alunas continuaram seguindo o espetáculo nas redes sociais e levaram a família e amigos para apresentações abertas em Florianópolis, marcando a inserção de um público adolescente em um ambiente cultural do qual normalmente ele é alijado. Também alguns

passaram a frequentar outros eventos culturais da universidade, reconhecendo-se como parte integrante daquele ambiente.

O contato dos licenciandos com toda esta situação na EEM Maria da Glória também foi muito positivo. Além de terem uma perspectiva mais calcada na realidade do que é o ambiente escolar público em uma cidade periférica de Santa Catarina, eles precisaram aprender a gerir uma crise com maturidade e perceberam que eram responsáveis pela formação daqueles adolescentes, por meio de uma obra de arte.

Mesmo que a média de idade dos licenciandos fosse de 20 anos (não muito longe dos alunos da escola), o sentido de responsabilidade pela formação de outrem foi rapidamente introjetado a partir da ação metodológica. Vale frisar que, por terem acabado de passar pelos conflitos da adolescência, os licenciandos também tinham uma forma muito mais próxima de se expressar, e isso, que em outro processo poderia ser percebido como uma falha, neste se tornou uma grande potência.

Ensaios abertos: o diálogo como caminho

Outra ação metodológica concebida para este processo foi a adoção de uma periodicidade de ensaios abertos ao público. Normalmente um espetáculo é ensaiado e o público só assiste quando está “acabado”, porém, como tínhamos a intenção de abrir desde o início um diálogo com o espectador, adotamos a estratégia apresentada a seguir.

Procurou-se criar uma rede de contatos entre alunos de escola básica, alunos da universidade e professores da educação básica e da universidade. Os participantes foram: Marcelo Mendes e Maria Izabel Muniz Mendes, professores de artes/teatro do Colégio Estadual Prof.^a Maria da Glória V de Faria, localizado em Biguaçu/SC, na época mestrando do Mestrado Profissional – Prof-Artes/Udesc; Carolina Votto, filósofa, docente no curso de Filosofia da Educação na Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC e pesquisadora interface entre arte, educação e filosofia; e Yuri Cabral, ator e professor de teatro do Grupo Teatro Faces e Escola de Teatro Faces, de Primavera do Leste/ MT, mestrando do PPGT/Udesc. Esses quatro docentes participaram da avaliação dos acadêmicos juntamente com as professoras da disciplina. Esses professores e professoras viriam e assistiriam aos ensaios abertos uma vez por mês, acompanhando os progressos do trabalho e pontuando questões que achassem pertinentes. No final do processo, fariam uma avaliação dos licenciandos, com base na prática observada e em um relato escrito por cada um.

Metodologicamente falando, esse sistema de parcerias foi muito eficaz para o processo. Primeiramente porque ganhou novas vozes, que, por não estarem envolvidas no cotidiano de ensaios, podiam ampliar o olhar do grupo em outras direções, no caso, no campo da Filosofia e da Educação. Em segundo lugar porque retirou das professoras-artistas o peso de “avaliadoras” dos licenciandos, estabelecendo um laço de confiança e vulnerabilidade muito mais profícuo para um processo de criação artística. Saber que a professora-artista não dava notas ou avaliava seu desempenho, que o processo não estava centrado na validação dos “bons” e “maus” atores/atrizes, fez com que cada um se sentisse mais apto a desenvolver seu potencial individual e coletivo.

Além desse pequeno grupo, os ensaios abertos recebiam o público em geral, que em média era de 50 a 70 pessoas. Licenciandos de outros cursos de Licenciatura em Teatro do Brasil (participantes do V Encontro Nacional de Pedagogia das Artes Cênicas/Udesc, importante evento da área de Pedagogia do Teatro ocorrido no *campus*) e alunos da EEM Maria Glória são exemplos de grupos que acompanharam a ação ao longo de quatro meses. Colocar o material cênico à prova diante do público, mesmo que ainda sem tanta consistência, foi um grande desafio para os licenciandos e proporcionou uma maturidade imprescindível para o sucesso do processo. Ou seja, aprender a ouvir as impressões da plateia e ficar frustrado, nervoso, com raiva, feliz.

O fruto disso tudo foi a incorporação de um debate após o espetáculo como procedimento padrão. Com o tempo, cada vez mais este diálogo era conduzido pelos próprios licenciandos, que foram se empoderando ao longo do processo. Perceber que eles próprios haviam introjetado os conhecimentos práticos e teóricos que foram adquiridos no trabalho, podendo discuti-los diante de uma plateia, foi um dos sinais do intenso amadurecimento deste grupo de discentes. Além de um espetáculo, havia 14 artistas-professores capazes de conversar sobre docência, escola, adolescência, teatro e violência com uma plateia de jovens.

Desde o início do processo o objetivo traçado não era fazer um bom espetáculo, mas viver um processo tão rico que pudesse transformar professoras-diretoras e licenciandos. Se essa transformação ocorresse, se terminássemos o processo diferentes de como começamos, então teríamos um bom espetáculo nas mãos. E foi o que aconteceu.

AVALIAÇÃO DO PROCESSO E DOS RESULTADOS DE APRENDIZAGEM DOS LICENCIANDOS

Alguns elementos dão respaldo para avaliar que o processo de aprendizagem dos licenciandos foi excepcional. O primeiro deles é a longevidade que o trabalho teve. Sustentar um espetáculo por mais de dois anos, com um grande grupo envolvido (iniciou com 14 alunos e alunas), só é possível porque os discentes tomaram este como um projeto deles. Assumindo nesse período ações como manutenção dos materiais, ensaios e produção, assim como agendamento de escolas e outras atividades, os discentes seguiram com o projeto porque ele se tornou algo que fazia parte da vida deles.

O segundo elemento é o impacto que as apresentações e os debates tiveram sobre centenas de adolescentes. Seja nas conversas após espetáculo, seja por meio das redes sociais, foram enviados inúmeros relatos de como a peça foi uma experiência importante para essas pessoas. A visibilidade que o espetáculo dá a temas tratados como tabu pela escola, assim como as questões do universo jovem, alcançou resultados muito além dos muros da escola e da universidade. Esse reconhecimento e identificação por parte do público-alvo do trabalho deu muita força para todos os envolvidos no processo, já que os licenciandos puderam ter um reconhecimento empírico sobre a força que um espetáculo teatral tem na formação de jovens.

Não foi raro o caso de um mesmo jovem ver o espetáculo mais de uma vez ou levar os pais, professores e amigos ao teatro. Essa conexão solidifica os impactos positivos de aprendizagem de uma extensa rede de pessoas, que parte dos alunos da Licenciatura em Teatro e desemboca nas famílias dos jovens, nas escolas e nos núcleos nos quais o trabalho circulou, criando uma rede de impacto muito maior do que poderíamos medir com as ferramentas institucionais comuns de uma disciplina acadêmica. Para conferir essa interface, acesse o Instagram do projeto: www.instagram.com/mausalunos.

Outro fator que ocorreu no processo foi a recorrente relação dos licenciandos com a prática de ensino que estavam desenvolvendo na aula de estágio curricular supervisionado, trazendo desafios pontuais que eram compartilhados, assim como modos de enfrentamento desses desafios, que volta e meia emergiram no espaço de criação, apresentação e debate do espetáculo.

Esse processo ampliou a discussão dos temas vinculados às disciplinas pedagógicas da licenciatura, que giram em torno da presença da Arte na escola, da formação e atuação professor de Arte/Teatro, dos desafios que esse docente enfrenta para desenvolver seu trabalho devido ao baixo *status* da disciplina em relação às demais e da falta de espaço-tempo adequado para o desenvolvimento das atividades. E, principalmente, a necessidade de receptividade e apoio dos gestores e colegas professores para que a Arte ocupe efetivamente um espaço na escola. Ao mesmo tempo, a experiência mostrou que o contato com o teatro, para a maioria das pessoas que se pronunciaram nos debates, assim como para a maioria dos licenciandos-atores, se deu na escola, de modo que, com todos os entraves, é fundamental que crianças e jovens tenham acesso a essa linguagem artística na sua formação escolar. Essa reflexão em processo certamente contribuiu para os licenciandos terminarem os dois semestres de disciplinas regulares declarando o desejo de seguir carreira docente em paralelo à carreira artística, procurando formas de não dissociar esses dois universos. Sabendo que as professoras-artistas partiram dessa inquietação, é possível dizer que os objetivos traçados inicialmente aconteceram, com desdobramentos muito profícuos.

As professoras-artistas não aplicaram nenhum método tradicional de avaliação (como provas ou questionários). Além da responsividade nas aulas e na progressão do projeto, procurou-se estabelecer um ambiente horizontal de trocas e reflexão, excluindo a avaliação por critérios de notas. Isso não só permitiu que diferentes saberes pudessem emergir, como também eliminou a ideia de competição entre os discentes: não havendo melhores e piores, eles puderam perceber como todos contribuem, à sua maneira, para a construção do processo, fato que gerava longas discussões, mas deixava critérios mais claros para o coletivo, que se auto-organizava na prática diária.

A seguir estão reproduzidos trechos de textos escritos pelos discentes durante o processo das disciplinas, em uma prática de autoavaliação em junho de 2018.

O tema do tiro, da violência, da perda de controle, foi outra questão com a qual para mim foi muito difícil lidar. Este é um assunto que mexe pessoalmente comigo e me deixou muito ansiosa em alguns momentos, mas acredito que já superei essa fase.

Ultimamente, tenho me atentado mais à potência deste texto, a qual acredito que se deve à própria temática e da forma como esta é abordada pelo autor: não é panfletária, mas coloca em discussão questões urgentes do mundo contemporâneo. Saber que já tivemos e ainda teremos experiência de troca com o público jovem me faz sentir que esta é uma oportunidade muito valiosa. (Barbara Evangelista Vieira)

Ainda dentro do tema escola, foi preciso muita pesquisa minha, visto que eu sempre estudei em escolas privadas que não podem ser comparadas com ou entendidas do mesmo modo que as escolas públicas. Eu tive que me perguntar: de que escola estamos falando? Como é essa escola? Quem frequenta esse lugar? O que me ajudou muito a responder minhas indagações e me sentir com mais propriedade para abordar o assunto foi o contato que pudemos ter com o espaço e com os alunos e alunas do colégio Maria da Glória, uma escola municipal de ensino médio localizada em Biguaçu/SC. Lá pudemos observar o ambiente, como é a estrutura e a relação dos adolescentes com ela, como são os professores e servidores e seu relacionamento com os alunos e, principalmente, quem e como são os jovens que ali estudam, o que eles pensam, quais são seus interesses e suas questões em destaque. (Amanda Rinnert)

Escolhi o Coro dos Maus Alunos por desafio. No ano passado, ao conversar com os professores das duas montagens, saí com uma pergunta em mente: o que me assusta mais? Tenho mais medo de dançar ou de adolescentes? A que me der mais frio no estômago é a que escolho. No fim das contas, adolescentes viriam ser talvez a faixa etária que eu mesmo estaria em contato ou debatendo sobre, uma vez que meu estágio também se voltou a eles. (Pedro Dettoni)

Penso que o trabalho também está sendo guiado com muito diálogo, e acho isso fundamental, desde quando fizemos os seminários, até cada vez que criamos uma cena, ou quando alguém precisa falar sobre uma vivência pessoal que toca nosso trabalho. Isso tem amadurecido o grupo, cada um individualmente e sem dúvidas o espetáculo. Acredito que parte importante de nosso processo foram os ensaios abertos, propostos logo no início do processo e realizados mensalmente, pois eles nos preparam para a apresentação, ao mesmo tempo que nos fazem lidar com o nervosismo mais cedo e também servem como um termômetro e uma preparação. (Ale Berra)

AUTOAVALIAÇÃO DO PROFESSOR FORMADOR

Florianópolis, 22 de julho de 2021.

Querida Barbara,

Começo esta carta lembrando do dia em que decidimos aceitar o convite dos estudantes da quarta fase do curso de Licenciatura em Teatro, para ministrarmos juntas as disciplinas Montagem Teatral I e II no ano seguinte (2018). Assim que soube da possibilidade, senti um misto de alegria e apreensão. Alegria porque sabemos que um projeto artístico nos alimenta, nos enche de vitalidade. Apreensão porque há exatos dezessete anos eu havia ministrado essas disciplinas e, apesar de termos criado um belo espetáculo, o processo havia sido muito tenso;

e porque, como somos amigas, eu não gostaria de jeito nenhum que esse trabalho pudesse colocar em risco essa amizade. Talvez você tenha pensado nisso também. Lembro-me de pactuarmos que faríamos o que fosse necessário para que nos mantivéssemos saudáveis e que a experiência fosse leve. Incrível como as palavras saudável, vitalidade, amizade, alimento, leveza ganham outra dimensão diante do que nem sonhávamos que iríamos enfrentar a partir do ano de 2020... Bem, nem preciso dizer que a experiência de ministrar essas disciplinas novamente, com a sua parceria e de todos e todas que trilharam esse caminho conosco, foi uma das mais gratificantes que tive nesses trinta e poucos anos de docência.

Apreendi muitas coisas. Destaco as fundamentais. Trabalhar junto com outra professora, em tempo integral na sala, é uma experiência muito interessante, bem trabalhosa (lembra quantos cafés tomamos fora do horário das aulas para pensarmos nas propostas e afinarmos as falas?), mas muito enriquecedora, pois deixa evidente que há muitas formas de ser professor/a. Isso tranquiliza, mostra que não há um jeito “certo ou errado”. Cada docente tem facilidades em alguns aspectos e desafios em outros e a prática de ensino, o tempo de sala de aula, vai nos ajudando a descobrir e confiar no “nosso jeito de ensinar”. E, ao mesmo tempo, põe em xeque algumas certezas que vamos adquirindo e que vão se cristalizando com o tempo. Nossos licenciandos/as tiveram a oportunidade de presenciar essa possibilidade, o que considero ótimo para a formação deles.

Praticar o ser “professor-artista”. Esse binômio trata de um perfil muito potente para imbricar temas que envolvem a criação e a docência na área das Artes, aqui no caso do Teatro, e no nosso processo essa potência ficou evidente. Não foi à toa que o espetáculo seguiu um caminho vivo e comunicante, e que os estudantes finalizaram a disciplina verbalizando o desejo de serem professores e professoras. Realmente, arte e educação são pontos extremos de um campo de tensões e se alimentam uma da outra, como bem diz María Teresa Andruetto (2012).

O terceiro ponto que destaco é a opção de se trabalhar com um texto literário, dramático ou não, especialmente no caso de uma montagem teatral acadêmica. Considero essa opção “meio caminho andado” para que o espetáculo tenha mais chances de sustentar-se com certo impacto (tanto para os atuantes como para o público). O texto *Coro dos maus alunos*, ao trazer a escola para o foco, de forma a não ignorar a complexidade das relações que envolvem esse lugar, estabelece um campo de identificação muito potente, pois todos temos uma história com a escola, ainda que seja por nunca tê-la frequentado. Penso que a literatura também ajuda a recolocarmos questões como estas: o que dizer da escola, da arte na escola, do teatro na escola, após as feridas deixadas pela pandemia? Se um dia retomarmos nosso espetáculo, espero que sim, como responderemos cenicamente a essas feridas?

Por enquanto, sou só silêncio.

Um abraço apertado.

Heloise

Florianópolis, 21 de julho de 2021.

Heloise, amiga querida

Começo esta carta reiterando algo que já escrevi sobre esse processo: foi no *Coro dos maus alunos* que nasceu, com consciência e orgulho, a professora que morava em mim. Eu me enxergava como uma artista que estava passando pela docência, e no final, descobri que essa separação não existe. Mal eu sabia que esse seria um presente importante, pois a plena consciência de minha prática pedagógica foi uma das coisas que mais me manteve sã durante todo esse tempo de pandemia.

Você foi minha professora na minha formação teatral e, ter dividido essa direção cênica contigo reforça um legado entre mulheres que, nos tempos atuais, é algo significativo. Penso que os alunos e alunas que nos acompanharam ao longo das disciplinas e da aventura que a peça se tornou sentem isso. A passagem de conhecimento, afeto e cuidado entre pessoas de diferentes gerações é um dos legados mais preciosos que deixamos, em um mundo que, ao que parece, imporá cada vez mais distância entre os seres humanos. O respeito e a compreensão mútua que tivemos sempre ensinaram tanto quanto o conteúdo.

Eis alguns dos resultados que considero significativos nesse processo: 1. Montar um espetáculo pulsante e vivo; 2. Interagir com os adolescentes e a escola; 3. Sentir que o teatro ainda é necessário na vida das pessoas; 4. Averiguar que os anos de formação exaustiva têm um sentido maior para a comunidade em que estamos inseridas. Somos duas apaixonadas pelo teatro, pela docência e acima de tudo pelos seres humanos: juntar tudo isso e ser acompanhadas por catorze jovens atores e atrizes com toda energia e amorosidade dos nossos alunos é um daqueles encontros difíceis de reproduzir, que apenas agradecemos.

Uma coisa que me deixou particularmente feliz foi provar que fazer bom teatro para o público adolescente não precisa ceder a caminhos apelativos, mas isso só tenha sido possível, talvez, por estarmos sob o abrigo de uma universidade pública. É um espetáculo complexo, que levanta questões importantes e que retrata as angústias que milhares de pessoas vivem na pele no ambiente escolar. Pudemos, ao longo do processo, conhecer essas pessoas reais e compartilhar momentos com elas nas conversas. Nunca vou me esquecer, por exemplo, da apresentação que foi feita no dia do massacre na Escola Estadual Prof. Raul Brasil, em Suzano (SP), início de 2019: quando no final dedicamos o espetáculo às vítimas, todo mundo da sala estava chorando, inclusive nós. Nesse dia compreendi o quanto o teatro pode e deve ser esse espaço em que as dores coletivas são ressignificadas e debatidas, para que não sucumbamos a barbárie. Por momentos como esse, de compreensão profunda e celebração da vida, tudo já valeu a pena. Essa experiência me treinou para os duros tempos que hão de vir, em que as feridas coletivas estarão mais doloridas do que nunca: que as enfrentemos, então, com a alegria de más alunas.

Que venham as próximas.

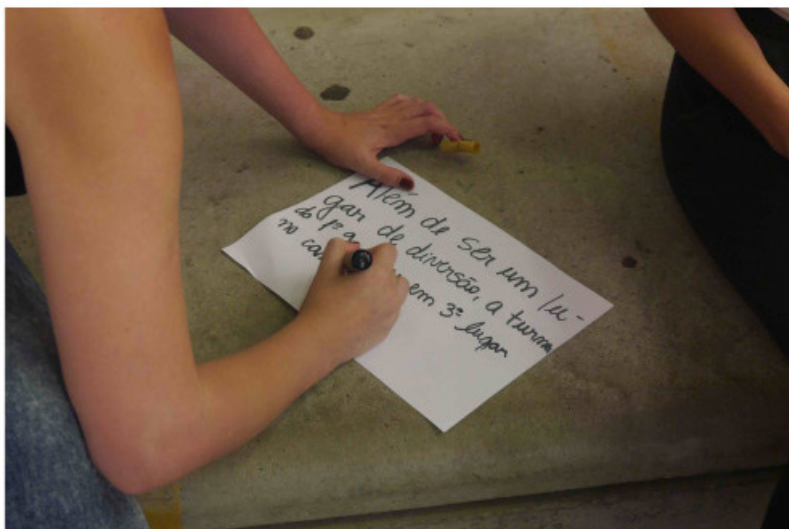
Um grande abraço,

Barbara

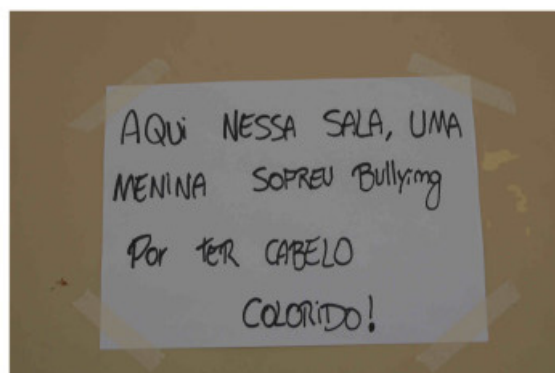
REFERÊNCIAS

- ANDRUETTO, M. T. *Por uma literatura sem adjetivos*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.
- BOGART, A.; LANDAU, T. *O livro dos viewpoints: um guia prático para viewpoints e composição*. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- ICLE, G. *Teatro e construção de conhecimento*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.
- KOUDELA, I. D. *Texto e jogo*. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- LARROSA, J. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- MASSCHELEIN, J.; SIMONS, M. *Em defesa da escola: uma questão pública*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- PUPO, M. L. de S. B. *Entre o Mediterrâneo e o Atlântico: uma aventura teatral*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- SPOLIN, V. *Improvisação para o teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- VIDOR, H. B. Coro dos Maus Alunos: dramaturgias juvenis em foco. In: SPENGLER, M. L. P. et al. (org.). *Literatura infantil e juvenil: a palavra literária – (r)ex(s)istir no encontro com o outro*. Florianópolis: Apoio Editora, 2021. p. 58-75. Disponível em: <https://literalise.wordpress.com/ebook8slij/>. Acesso em: out. 2021.
- VIDOR, H. B. Coro dos maus alunos: (um) presente. *Caixa de Pont[o] – Jornal Brasileiro de Teatro*, Florianópolis, p. 17, 2019.
- VIDOR, H. B. *Leitura e teatralidade: aproximação e apropriação do texto literário*. São Paulo: Hucitec, 2016.
- VIDOR, H. B. *Drama e teatralidade: o ensino do teatro na escola*. Porto Alegre: Mediação, 2010.
- VIDOR, H. B.; BISCARO, B. Coro dos maus alunos – notas de um processo de montagem. *Urdimento*, Florianópolis, v. 1, n. 34, p. 6-18, 2019.

Anexo 1: Na escola



Atividade de cartografia afetiva na escola, com exemplo de cartazes e posterior conversa em sala com estudantes e direção da escola.



Imagens: acervo pessoal.

Anexo 2: A escola na universidade



Professores Izabel e Marcelo saindo da Escola Mária da Glória/ Biguaçu com os estudantes.

Estudantes do Ensino Médio e da Universidade pulando corda no pátio da Udesc.



Todos reunidos na sala de aula do curso de Teatro.

Imagens: acervo pessoal.

Anexo 3: Processo de criação



Imagens do processo de ensaios nas disciplinas Montagem Teatral I e II



Imagens: acervo pessoal.



Anexo 4: Ficha técnica



MONTAGEM TEATRAL I E II

“Coro dos maus alunos”

FICHA TÉCNICA

Direção: Barbara Biscaro e Heloise Baurich Vidor.

Assessoria de criação e pesquisa: Henrique Bezerra.

Autor: Tiago Rodrigues.

Adaptação: Tuna Serzedello

Iluminação: Gabriel Velasques.

Assessoria de percussão: Bê Sodr .

Material Gráfico: Camila Petersen

Elenco: Ale Berra, Amanda Rinnert, Bárbara Vieira, Beatriz Gonçalves, Bruna Ferracioli, Carla Ramos, João França, Joel Hallow, Kerollayne Bergamin, Luiza Góes, Marcinho Gonzaga, Pedro Dettoni, St fany Fernandes, Vitor Cassettari.

Anexo 5: Clipagens

CULTURA

DIÁRIO DA MANHÃ

SEXTA-FEIRA 11
Pelotas, 23 de novembro de 2018

Dicas Culturais
www.diariodamanha.com.br



Renata Gastal na Tupanci

ESPIRITISMO -

Nesta sexta às 21h na rádio Tupanci AM 1.250, edição do programa "Terceiro Milênio" da Liga Espírita Pelotense (LEP). Com produção de Sirlane Maciel da Costa, e apresentação de Fidenir Madeira, o programa estará abordando "Morte, uma visão espírita". A entrevistada será Renata Gastal, que integra a Área de Comunicação Social da LEP. A equipe divulga: "Por que as pessoas têm medo da morte? Para onde vai e o que faz a alma depois de deixar o corpo físico? Conserva a alma as afeições que tinha na vida terrena? Nascimento, morte e renascimento, são transformações naturais da própria vida do 'espírito' imortal, sujeito à evolução natural. Morte é transformação, não fim". O ouvinte pode participar, com o envio de perguntas. O grupo acrescenta: "Neste mês, em que os homens instituíram uma data para reverenciar os mortos, vale a pena lembrar o que ensina a 'doutrina espírita' a respeito do que representa a morte. Para a 'doutrina espírita', o que se denomina morte, problema que mais tem ocupado o pensamento humano em todos os tempos, faz parte das leis naturais ou divinas, assim como o nascimento". O "Terceiro Milênio" também pode ser ouvido online: tupanci.com.br

ZAMBEMBE Trio toca hoje às 21h30min no Alegoria Casa Bar - rua Antonio dos Anjos 1.040. No repertório, rock, samba, MPB, jazz e Pop. Informações e reservas: (53) 9169.1364



RÉCITA apresenta canções de Kurt Weill e Brecht



Peça aborda as relações de poder no ambiente escolar

UFPEL

Espectáculos "O coro dos maus alunos" e "Récita"

Sábado e domingo na Sala Carmem Biazoli, montagens da Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC)

Por Carlos Cogoy

A comissão dos dez anos dos cursos de teatro e dança da UFPEL, através do prof. Paulo Gaiger, divulga as apresentações de espetáculos da Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC). Sábado às 20h, espetáculo "O Coro dos Maus Alunos". Entrada franca com a distribuição de senhas a partir das 19h. No domingo às 16h, espetáculo adulto "Récita", e senhas a partir das 15h. Como local, a Sala Carmem Biazoli - rua Alm. Tamandaré 301.

MAUS ALUNOS - Com base na dramaturgia do português Tiago Rodrigues, "O Coro dos Maus Alunos", aborda sobre as relações de poder e as tensões na escola. "A encenação?ão pretende dialogar com o universo adolescente na escola, retratando os designados maus alunos com a complexidade latente que o tema 'escola' evoca nos tempos atuais",

informa a trupe. A peça é realização de alunos da quinta fase, primeiro semestre 2018, da disciplina de montagem teatral da UDESC. A direção é de Barbar Biscaro e Heloise Baurich Vidor. No elenco: Ale Berra; Amanda Rinnert; Bárbara Vieira; Beatriz Gonçalves; Bruna Ferracioli; Carla Ramos; João França; Joel Hallow; Kerol Bergamin; Luiza Góes; Marcinho Gonzaga; Pedro Dettoni; Stefany Vezaro e Vitor Cassettari. A adaptação é de Tuna Serzedello, com Henrique Bezerra na assessoria de criação e pesquisa. Na equipe: Gabriel Velasques (monitor da disciplina e iluminação); Bê Sodré (assessoria de percussão); Camila Petersen (material gráfico).

RÉCITA reúne teatro e música. Sinopse: "O material base do espetáculo é um repertório de canções composto por obras de Kurt Weill (1900/1950), compositor

alemão contemporâneo precursor do Musik Theater, juntamente com o dramaturgo e encenador Bertolt Brecht (1898/1956). Brecht assina as letras da maioria das composições, que são executadas em inglês, francês e português. São canções de obras teatrais como 'A Ópera dos Três Vinténs' e 'Ascensão e Queda de Mahagonny', que formam uma dramaturgia que não tenta recriar os contextos das canções, mas sim expor uma geografia do grotesco e do medíocre que as personagens de Brecht empreendem: Alabama, Youkali, Mahagonny, Surabaya, Bilbao, são cidades imaginárias, depósitos de ladrões, prostitutas, hipócritas e indesejados que aparecem continuamente nas canções, evocando um universo em comum. Através da exploração do grotesco, o espetáculo busca as possibilidades cênico-musicais

da execução de um repertório de Brecht na atualidade: da negação de uma estética do belo, do solista, da música como arte elevada, os corpos dos atores-músicos subvertem a sonoridade, traem um projeto higiênico; os performers em cena cantam, agem e dançam, buscando construir na presença do público noções compartilhadas do patético, do falso, do melodrama, do sonho e da redenção nas histórias cantadas de Weill e Brecht".

DIREÇÃO é de Barbara Biscaro, que também atua em conjunto com Fernando Bresolin. A preparação corporal e assistência de direção, são de Cláudia Sachs. Na equipe: Roberto Gorgati (cenografia e iluminação); figurino e maquiagem (coletivo); Wagner Monthero (prótese dentária); Fernando Bresolin (arranjos violino); Daniel Olivetto (arte gráfica).



Corrida do Clube Brilhante terá provas com um, cinco e dez quilômetros

RÚSTICA (Foto) do Clube

Brilhante. Sábado às 9h, acontecerá a 1ª Corrida Rústica Brilhante 30 horas. A largada será no entorno do clube, e haverá provas de um quilômetro (até doze anos), cinco quilômetros (até dezessete anos). Haverá corridas de cinco e dez quilômetros, para as categorias: dezoito a 35 anos; 36 a 49 anos; 50 anos +. Haverá premiações para vencedores no masculino e feminino. Para participar, preenchimento da ficha de inscrição e doação de um quilo de alimento. A corrida integra o "Brilhante 30 horas" que terá, para sócios e não sócios, inúmeras atividades esportivas e culturais. Rústica conta com apoiadores: ESIF/UFPEL; Prefeitura; RM Lancheria e Pizzaria; Tchêntregas.



> CADASTRE-SE > QUERO SER CLIENTE > BOLETO ONLINE > TRABALHE NO SESC > EDITAIS E LICITAÇÕES > FALE CONOSCO

O que você procura?

INSTITUCIONAL UNIDADES NOTÍCIAS AGENDA SERVIÇOS PROJETOS TURISMO

Home / Agenda

Agenda



Circuito Universitário Sesc-Udesc: Espetáculo "Coro dos Maus Alunos"

Programação para sua cidade



O espetáculo é baseado no texto do dramaturgo português Tiago Rodrigues (2008) e tem como tema a escola, refletindo sobre as relações de poder e as tensões inerentes ao ambiente escolar que envolve professorxs, alunxs, diretorxs, pais e mães em um complexo jogo de relações humanas e institucionais. Trabalhando aspectos de encenação como a coralidade, a musicalidade e o trabalho sobre objetos tipicamente "escolares", a encenação pretende dialogar com o universo adolescente na escola, retratando estes maus alunos com a complexidade latente que o tema "escola" evoca nos tempos atuais.

Fruto de uma disciplina regular do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) intitulada "Montagem Teatral". Após cada apresentação, o grupo sempre convida o público a dialogar sobre a temática da escola, respondendo questões pertinentes, abrindo espaço para trocar experiências, vivências e também ouvindo as histórias que o público tem sobre essa realidade.

Ficha Técnica:

Direção: Barbara Biscaro e Heloise Baurich Vidor.
Assessoria de criação e pesquisa: Henrique Bezerra.
Autor: Tiago Rodrigues.
Monitor da disciplina e Iluminação: Gabriel Velasques.
Elenco: Ale Berra, Amanda Rinnert, Bárbara Vieira, Beatriz Gonçalves, Bruna Ferracioli, Carla Ramos, Joel Hallow, Kerol Bergamin, Luiza Góes, Marcinho Gonzaga, Pedro Detttoni, Stefany Vezzaro e Vitor Cassetari.
Duração: 60 minutos
Classificação Indicativa: 12 anos

Teatro | 12 anos

COMPARTILHE



INDIQUE A UM AMIGO



Fale com o Sesc

0800 645 5454 | (48) 3251 4627
faleconosco@sesc-sc.com.br

Trabalhe no Sesc

O Sesc-SC divulga na internet os processos seletivos.
Consulte as vagas disponíveis.



- > Meu Sesc
- > Sobre o Sesc
- > Cartão Cliente Sesc
- > Cartão Sesc Mais Vantagens
- > Boleto Online
- > Programa de Comprometimento e Gratuidade
- > Publicações Oficiais
- > Transparência na Gestão
- > Sala de Imprensa
- > Escola Sesc
- > Escola Sesc (Edital)
- > Sesc Saúde
- > Cursos
- > Agenda
- > Serviços
- > Blog Sesc-SC
- > Política de meia-entrada
- > Sesc Viagens

FCC  (<http://www.facebook.com/FundacaoCatarinensedeCultura/>)  (<http://www.twitter.com/FCCoficial/>)  (<http://www.youtube.com/user/ImprensaFCC>)



[FCC](#) - [ESPAÇOS](#) - [EDITAIS E AÇÕES](#) - [PUBLICAÇÕES](#) - [LEGISLAÇÃO](#) - [CONTATO](#)

[Programação \(/programacao\)](#) **Coro dos Maus Alunos**

◀ Voltar (<https://www.google.com.br/>)

**PROGRAMAÇÃO
POR TIPO DE
EVENTO**

- [Música \(/programacao/tipo/musica\)](#)
- [Teatro \(/programacao/tipo/teatro\)](#)
- [Dança \(/programacao/tipo/danca\)](#)
- [Cinema \(/programacao/tipo/cinema\)](#)
- [Exposição \(/programacao/tipo/exposicao\)](#)
- [Evento Cultural \(/programacao/tipo/evento-cultural\)](#)

**PROGRAMAÇÃO
DAS CASAS DA FCC**

- [CIC \(/programacao/espacos/cic\)](#)
- [MASC \(/programacao/espacos/masc\)](#)
- [MHSC \(/programacao/espacos/mhsc\)](#)
- [MIS \(/programacao/espacos/mis\)](#)
- [TAC \(/programacao/espacos/tac\)](#)
- [TAR \(/programacao/espacos/tar\)](#)
- [TPI \(/programacao/espacos/tpi\)](#)

Coro dos Maus Alunos



Categoria : TAC - Teatro Álvaro de Carvalho
Data: 12/05/2019 20:00
Local Teatro Álvaro de Carvalho - R. Mal. Guilherme, 26 - Centro, Florianópolis - SC, 88015-000 Brasil

Coro dos Maus Alunos
 Dias 11 e 12 de maio de 2019, às 20h.

O espetáculo é baseado no texto do dramaturgo português Tiago Rodrigues (2008), tendo como tema a escola. Reflete sobre as relações de poder e as tensões inerentes ao ambiente escolar que envolve professorxs, alunxs, diretorxs, pais e mães em um complexo jogo de relações humanas e institucionais. Trabalhando aspectos de encenação como a coralidade, a musicalidade e o trabalho sobre objetos tipicamente "escolares", a encenação pretende dialogar com o universo adolescente na escola, retratando estes maus alunos com a complexidade latente que o tema "escola" evoca nos tempos atuais.

O espetáculo foi construído na disciplina de Montagem Teatral da Udesc, por alunos da 5ª fase no primeiro semestre de 2018.

Ficha técnica:

Direção: Barbara Biscaro e Heloise Baurich Vidor.
 Assessoria de criação e pesquisa: Henrique Bezerra.
 Autor: Tiago Rodrigues.
 Adaptação: Tuna Serzedello
 Monitor da disciplina e Iluminação: Gabriel Velasques.
 Assessoria de percussão: Bê Sodrê.

Material Gráfico: Camila Petersen

Elenco: Ale Berra, Amanda Rinnert, Bárbara Vieira, Beatriz Gonçalves, Bruna Ferracioli, Carla Ramos, Joel Hallow, Kerol Bergamin, Luiza Góes, Marcinho Gonzaga, Pedro Dettoni, Stefany Vezzano e Vitor Cassettari.

Classificação indicativa: 12 anos

Valor dos ingressos: Entrada franca.

** Vendas nas bilheterias dos teatros. Ingressos numerados.



Todas as Datas:

- 11/05/2019 20:00
- 12/05/2019 20:00

Fornecido por iCagenda (<http://icagenda.joomla.com>)

14/07/2021

Proposição artística: O Coro dos Maus Alunos | Clique F5



FIQUE EM DIA COM A ÁGUAS DE CAMPO VERDE



Em
Ser

BLOGS GERAL PRIMAVERA DO LESTE CAMPO VERDE MATO GROSSO EMPREENDEDORISMO CLASSIFICADOS QUEM SOMOS

propaganda

VELHA JOANA / Segunda-feira, 18 de Novembro de 2019, 10h:33

AIAIA

Proposição artística: O Coro dos Maus Alunos

Tweetar Curtir Seja a primeira pessoa entre seus amigos a curtir isso.



Texto Thereza Helena | Revisão Santiago Santos

O "Coro dos Maus Alunos", da Companhia de Arte dos Maus Alunos (Florianópolis – Santa Catarina), integra a mostra oficial do 13º Festival Velha Joana e traz para Mato Grosso a montagem da dramaturgia homônima do português Tiago Rodrigues. O texto

trata das mais distintas nuances das relações de poder presentes no ambiente escolar: professores e alunos, pais de alunos e gestão escolar, coordenação e equipe pedagógica, pais e alunos, alunos e seus próprios colegas, e de como cada grupo manipula a narrativa para adequá-la ao seu interesse.

Na trama, a chegada do novo professor de filosofia causa alvoroço, pois ele, diferente dos demais, provoca os estudantes, instigando-os para o exercício do pensamento. Aos poucos a mudança de comportamento da turma gera todo tipo de comentário sobre as aulas. Quando menos se espera, o que era mero burburinho ganha proporções inimagináveis e se torna motivo de inquérito para julgar as metodologias do professor, consideradas um tanto questionáveis.

CERTIFICADO DIGITAL

TERRA CERTIFICADORA

Em PRIMAVERA DO LESTE
Flu. Rondonópolis, 01 - 100m2
Anexo ao Jornal O Diário

66 3498.1615

Agende uma visita
ou alguma dúvida
vai até você!

66 99986.2618
66 99217.9863

Embora o texto seja de um dramaturgo europeu, possivelmente escrevendo a partir de suas referências no velho continente, a situação conflituosa envolvendo o ambiente escolar não é privilégio de Lisboa, cidade do autor, e se ajusta perfeitamente ao contexto brasileiro. Revela que a problematização em torno do tema é mais do que necessária, dada a obsolescência que assola o processo de ensino-aprendizagem ocidental, eu arriscaria. Os tempos mudaram, as pessoas mudaram, o contexto mudou, quase tudo mudou, mas a escola continua a mesma.

A não renovação das práticas de ensino escolar, introduzidas na época de Getúlio Vargas, como as carteiras posicionadas em linha reta, somadas aos problemas enfrentados hoje em dia, como a falta de condições adequadas para o trabalho,

Buscar no Clique F5 BUSCAR

MAIS MT RONDONOP...



EDIÇÃO IMPRESSA



CLIQUE SOCIAL LEIA MAIS

OS MAIORES EVENTOS E COBERTURAS



26/11 - A última terça-feira foi super badalada para Daiane Mabel e sua equipe. Empreendedora

14/07/2021

Proposição artística: O Coro dos Maus Alunos | Clique F5

acabam precarizando não só o espaço, mas também as relações, numa espécie de falência múltipla institucionalizada. Aqueles dispostos a provocar mudanças, como é o caso do professor de filosofia da peça, são logo coagidos a deixar tudo como está e a se dar por satisfeitos de poderem reclamar.

O tema se faz mais do que urgente no atual momento histórico nacional, em que o projeto de esfacelamento das unidades de educação é respaldado pela falta de investimento do governo, pela ameaça de implantação de escolas militares com modelos que preconizam a imposição como forma de aprendizagem, e por tantas outras atrocidades do projeto de "ignorantização" coletiva em andamento no país.

A direção da montagem reitera e aprofunda a proposta da própria dramaturgia e parece acenar para o teatro épico, em que o coro dá voz ao conteúdo dos textos mais do que às personagens, uma vez que nessa modalidade o teor da narrativa supera sua estrutura dramática. Desse modo, as falas atribuídas ao professor, por exemplo, passam pela boca de todos os atores e atrizes.

A falta de protagonistas e coadjuvantes definidos não significa que o trabalho deixa de investigar jogos de cena. Muito pelo contrário: todo o estudo feito para a composição cênica gira em torno do universo escolar e faz dos objetos encontrados nesse espaço peças centrais para a obra, como as carteiras que se tornam elementos de cena e cenário, o figurino que alude aos uniformes, a trilha sonora composta por hits do funk que dão a ouvir o imaginário dos jovens contemporâneos. Por fim, o depoimento pessoal do elenco no encerramento confere um caráter performativo à encenação.

*Este texto é parte da cobertura especial do XIII Festival Velha Joana, realizado em Primavera do Leste (MT) entre 08 e 17 de novembro de 2019, para o qual o Parágrafo Cerrado foi convidado.

* | Fotografias por Fred Gustavos

IMPRIMIR ENVIAR ESTA MATÉRIA COMPARTILHAR COMENTAR

O Comentário(s)

Nenhum comentário ainda, seja o primeiro!

0 comentários

Classificar por Mais antigos

Adicione um comentário...

Plugin de comentários do Facebook



Newsletters

As principais notícias do dia no seu e-mail.

E-MAIL

Não sou um robô reCAPTCHA Privacidade - Termos



XIII DA EMILLY



28/10 - Diversão, sabor e produtos da Confeiteiro & Festa Show pontuaram o b-day de Emily Braum. Como todos



10 - Confira esses exclusivos da celebração dos anos do Jogador César... uma que



19/08 - Destaque na coluna hoje para o b-day da bela Jordana Gambeta, herdeira de Vanessa Verderio Gambeta.

ENQUETE

Você é a favor ou contra a redução de vereadores em Primavera do Leste?

- Sim
- Não, prefiro a redução do duodécimo
- Não tenho opinião formada sobre o assunto

PARCIAL VOTAR

NEWSLETTER

Preencha o formulário abaixo para receber nossa newsletter:

Nome:
E-mail: